

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA

SÁBADO, 2 DE FEVEREIRO DE 2013, p. 14-15

Q. _ LITERATURA

POR Susana Salvador

DA ÉPICA ‘ENEIDA’ AOS CRIMES DE ‘CAPTI’

Mais de dois mil anos depois de os clássicos da literatura latina terem sido escritos, é possível encontrar em latim traduções de ‘bestsellers’ ou livros publicados com o propósito de provar que esta não é uma língua morta. Mas os poemas épicos de Virgílio e de outros autores romanos são mais do que a soma de palavras em latim: são as bases da fundação da nossa cultura.

Entre os mais de 84 mil títulos em latim que a Amazon tem à venda, há desde os clássicos da literatura latina como a Eneida, de Virgílio (1), às traduções de Harry Potter e a Câmara dos Segredos, de J.K. Rowling ou de O Hobbit, de J. R. R. Tolkien, passando pela Bíblia e outros textos religiosos. Mas há também Capti, que poderia ser apenas mais um livro dos milhares publicados em 2011, um policial como tantos outros que enchem as estantes das livrarias, não fosse o caso de ter sido escrito em latim.

O autor deste livro é Stephen Berard, um professor da Universidade de Wenatchee, no estado de Washington, que quer provar que o latim não é uma língua morta, que pode e deve ser ensinada como uma verdadeira língua e não apenas com a intenção de traduzir o que foi feito no passado. Berard é um dos apoiantes do Movimento Latim Vivo, tendo também já escrito um guia de conversação em latim. “Não podemos reivindicar a propriedade de uma língua, se não falamos das coisas que nos interessam”, explicou, acrescentando que está a preparar o seu novo romance. “Quero encorajar outros escritores a seguir o mesmo caminho”, indicou. A bibliografia do professor é uma das mais de 85 mil entradas da Vicipédia, a versão em latim da Wikipedia.

“Todos aprendemos o latim das mesmas fontes, dos clássicos, é dessa forma que o latim se transformou numa língua perene, que não muda. Essa foi uma das razões para escrever em latim. O meu livro nunca será mal interpretado. A língua mantém-se igual há centenas de anos. Desde que continue a haver pessoas que leiam em latim, vão saber o que quis dizer”, contou o autor de Capti (que significa capturados, presos, mas também comprometidos).

Os leitores de Capti vão saber, no futuro, o que Berard quis dizer da mesma forma que, mais de dois mil anos depois, são capazes de interpretar a mensagem deixada pelos primeiros escritores em latim.

A literatura latina

É preciso recuar 2250 anos e olhar para um ex-prisioneiro de guerra grego, levado para Roma como escravo e mais tarde liberto, para encontrar os primórdios da literatura latina. Considerase que a primeira obra literária em latim é de Lívio Andronico (2), que traduziu a Odisseia, o poema épico de Homero (3). O primeiro livro de História em latim foi obra de Catão, o Censor (4), apesar de outros historiadores romanos terem já escrito em grego. “Roma estava envolvida nas Guerras Púnicas (5) e queria fazer o que hoje designamos por propaganda. Para o fazer, os historiadores escreveram na língua mais lida no mundo. Jogaram com as mesmas armas dos historiadores que estavam do lado dos cartagineses, escreveram em grego para uma melhor difusão da mensagem”, explicou a diretora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Cristina Pimentel.

De facto, a literatura latina vai buscar muito à grega, de que é uma espécie de irmã mais nova, não necessariamente uma gémea. “A literatura latina não é uma imitação da grega, mas tem uma grande ligação a ela. Isso é incontestável”, referiu a professora. É a diferença entre imitação e emulação. “Hoje a imitação é uma coisa má, mas na Antiguidade não, pelo contrário. Aquilo que os autores queriam era precisamente proceder à imitação dos grandes modelos e tentar a emulação. Tentar ir mais longe. É uma homenagem.” Como explica a diretora do Centro de Estudos Clássicos: “Virgílio não é uma cópia de Homero. Virgílio toma intencionalmente os poemas homéricos como modelo para a sua Eneida.”

É nessa altura que o latim atinge uma maturidade suficiente para se criar uma grande literatura. “É no século I a.C. que a língua adquire o seu estádio máximo de plasticidade e é por isso que depois aparecem os grandes nomes como Horácio (6), Virgílio, Ovídio (7)...”, enumera Cristina Pimentel, lembrando que só uma ínfima parte dos trabalhos chegaram aos nossos dias. “Só podemos ter pena daquilo que se perdeu.”

Esse período é muitas vezes considerado o período de ouro da literatura latina, mas a professora da Faculdade de Letras de Lisboa não gosta de rótulos. “Durante muito tempo considerou-se que essa era a época áurea, depois vem a época argêntea. Eu costumo dizer a brincar aos meus alunos que há quem goste mais de prata do que de ouro, apesar de este ser mais valioso. Quando penso que há autores como Séneca(8) ou Tácito (9) que são colocados na época argêntea, deito logo fora essas classificações. Porque é de facto impossível escrever melhor que Séneca e Tácito.” Nessa altura, no século I d. C., já tinha havido outra “conquista” dentro do latim, afirma a professora, com o “esbater das fronteiras entre prosa e poesia”, em que os recursos da segunda passam para a primeira.

Os últimos grandes autores latinos desaparecem no século II. “Não gosto de falar de declínio da literatura latina, porque o que se dá é o evoluir dos tempos. Chegamos a um ponto na história em que coexistem os autores cristãos e os autores pagãos, uma época também muito interessante, onde existe uma integração de ambos os lados. A história encarrega-se de afunilar, para a literatura medieval”, explica Cristina Pimentel.

O latim, antes a língua do império, continua a ser falado, mas será a Igreja a grande responsável pela circulação dos textos, pela conservação dos manuscritos, com os monges copistas. Também pela destruição de alguns, ao escrever por cima de textos antigos para aproveitar o suporte. Graças às novas tecnologias tem sido contudo possível recuperar, em palimpsestos, alguns dos textos perdidos.

Influência na literatura ocidental

É aos latinos e não aos gregos que a literatura portuguesa e ocidental vai, mais tarde, buscar temas, motivos e formas. “Alguém acha que se pode conhecer a literatura portuguesa, entender, fruir, apreciar, ter gosto estético, sem ter as ferramentas da literatura clássica?” No teatro do século XVII, é a Séneca que se vai e não propriamente a Ésquilo, Sófocles ou Eurípides (10), mesmo quando os autores referem a origem grega, uma análise aprofundada revela a matriz latina, defende a professora. E como ler Os Lusíadas, de Luís de Camões sem pensar na Eneida de Virgílio?

“Virgílio adquire a centralidade do único clássico; ele está, no centro da civilização europeia, numa situação que nenhum outro poeta pode usurpar-lhe ou dividir com ele. O Império Romano e a língua latina não constituíram um império qualquer nem uma língua qualquer, mas um império e uma língua com o destino único em relação a nós mesmos; e o poeta em cuja consciência e expressão esse império e essa língua vieram à tona é um poeta de destino único. Se Virgílio é, pois, a consciência de Roma e a suprema voz de sua língua, deve ter uma significação para nós que não pode ser expressa inteiramente em termos de apreciação literária e de crítica”, escreveu T. S. Eliot (11) em “O que é um clássico”.

As traduções

A melhor forma de apreciar a beleza e complexidade de uma obra como a Eneida é ler o original, como acontece com qualquer outra língua moderna. Mas não saber latim não deve ser um motivo para pôr de lado os clássicos. “Não podendo ler no original, então existem boas traduções”, diz Cristina Pimentel, defendendo que os projetos de tradução dos clássicos deviam ser incentivados e apoiados pelo Estado. Pode ser que ao serem confrontados com as traduções, os leitores demonstrem interesse em aprender o latim para ler no original e, desta forma, conhecer um pouco mais da sua história. Crítica do desaparecimento do latim dos programas escolares portugueses, a professora acredita que dessa forma “amputase à nova geração uma parte da sua herança”. E termina citando Sto Agostinho: “Ninguém ama aquilo que não conhece.”

- (1) Virgílio (70-19 a. C.) é o autor daquela que é considerada uma das obras máximas da literatura latina, a ‘Eneida’, um poema épico que conta a história do troiano Eneias que seria o fundador da civilização romana.
- (2) Lívio Andrónico (284-204 a. C.) foi o autor de várias peças de teatro, além de ‘Odússia’ (a tradução da ‘Odisseia’), da qual apenas sobreviveram alguns versos.
- (3) Homero viveu no século VIII a. C. e escreveu a ‘Odisseia’ e a ‘Ilíada’
- (4) Marco Porcício Catão (234-149 a. C.) foi senador e cônsul de Roma e mais tarde censor (responsável pelos censos e supervisionar a moralidade pública). Escreveu ‘Origines’, a história de sete cidades romanas.
- (5) Nome dado aos três conflitos que opuseram Roma a Cartago, entre 264 e 146 a. C., e que terminaram com a destruição da cidade-estado fenícia.
- (6) Quinto Horácio Flaco (65-8 a. C.) ficou conhecido pelas suas ‘Odes’
- (7) Públio Ovídio Naso (43-18 a. C.) escreveu, entre outras, a ‘Metamorfose’ e a ‘Arte de Amar’
- (8) Lúcio Anneo Séneca (4 a. C.-65) escreveu uma dezena de tragédias que influenciaram os dramaturgos do Renascimento
- (9) Públio Cornélio Tácito (55-120) foi um dos maiores historiadores da Antiguidade, autor de ‘Anais’, onde é contada a história do Império Romano da morte de Augusto à morte de Nero.
- (10) Dramaturgos gregos. Ésquilo (525-456 a. C.) é considerado o pai da tragédia; Sófocles (497-406 a. C., autor de por exemplo, Édipo Rei; Eurípides (480-406 a. C.)
- (11) O poeta e dramaturgo britânico, nascido nos EUA, venceu o prémio Nobel da Literatura em 1948.

‘Capti: Fabula Menippeo-Hoffmanniana Americana’

por Stephen Berard

Authorhouse, 644 págs.

ISBN-13: 978-1456759742

[http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2013/02-](http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2013/02-02/1/1_1991449_4181A6F53696984B595EB8C17B0431DB.pdf)

[02/1/1_1991449_4181A6F53696984B595EB8C17B0431DB.pdf](http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2013/02-02/1/1_1991449_4181A6F53696984B595EB8C17B0431DB.pdf)

This is a rough (but pretty good) translation using Google Translator.

Intelligence Quotient

SATURDAY, FEBRUARY 2, 2013, p. 14-15

Q. _ LITERATURE

BY Susana Salvador

THE EPIC 'ENEIDA' TO CRIMES 'CAPTI'

More than two thousand years after the classics of Latin literature were written, it is possible to find in Latin translations of 'bestsellers' or books in order to prove that this is not a dead language. But the epics of Virgil and other Roman authors are more than the sum of Latin words: are the basis of the foundation of our culture.

Among the more than 84 thousand titles in Latin that Amazon has on sale, there are the classics of Latin literature like the Aeneid, Virgil (1), translations of Harry Potter and the Chamber of Secrets by JK Rowling or The Hobbit, J. R. R. Tolkien, through the Bible and other religious texts. But there are also Capti, which could be just another of the thousands published a book in 2011, a policeman like so many others that fill the shelves of bookstores, were not the case it was written in Latin.

The author of this book is Stephen Berard, a professor at the University of Wenatchee, in Washington state, which wants to prove that Latin is not a dead language, which can and should be taught as a real language and not just with the intention of translating what was done in the past. Berard is one of the supporters of the Movement Vivo Latin, and has also written a guide on conversational Latin. "We can not claim ownership of a language, if we do not speak of things that interest us," he said, adding that he is preparing his new novel. "I encourage other writers to follow suit," he said. The bibliography of the teacher is one of more than 85 000 entries Vicip day, the Latin version of Wikipedia.

"We all learned Latin from the same sources, the classics, this is how the Latin language has become a perennial that does not change. That was one reason to write in Latin. My book will never be misunderstood. The language remains seigual for hundreds of years. Since that there are still people who read in Latin, will know what I mean," said the author of Capti (which means caught, arrested, but committed).

Capti readers will know in the future what Berard meant the same way, over two thousand years later, are able to interpret the message left by early writers in Latin.

Latin literature

You have to go back 2250 years and look to a former prisoner of war Greek, taken to Rome as a slave and later freed, to find the beginnings of Latin literature. It is considered that the first literary work in Latin is Livio Andronico (2), who translated the Odyssey, Homer's epic poem (3). The first history book in Latin was the work of Cato the Censor (4), although other Roman historians have already written in Greek. "Rome was involved in the Punic Wars (5) and wanted to do what we now refer to as propaganda. To do so, historians have written in the language most widely read in the world. Played with the same weapons of historians who were on the side of the Carthaginians, wrote in Greek for better dissemination of the message," explained the director of the Center for Classical Studies, Faculty of Arts, University of Lisbon, Cristina Pimentel.

In fact, Latin literature will look much the Greek, that is kind of a younger sister, not necessarily a mate. "Latin literature is not an imitation of the Greek, but has a great connection to her. This is indisputable," said the teacher. It's the difference between imitation and emulation. "Today imitation is a bad thing, but not in antiquity, however. What we wanted was precisely the authors proceed in imitation of the great models and try to emulate. Trying to go further. It's a tribute. "How does the director of the Center for Classical Studies:" Virgil is not a copy of Homer. Virgil intentionally takes the Homeric poems as a model for his Aeneid. "

It is then that the Latin reaches sufficient maturity to create great literature. "It is the first century BC that language acquires its maximum stage of plasticity and that is why the big names then appear as Horace (6), Virgil, Ovid (7) ..." lists Cristina Pimentel, noting that only a tiny part of the work survived to this day. "We can only pity what was lost."

This period is often considered the golden period of Latin literature, but the teacher at the Faculty of Letters of Lisbon does not like labels. "For a long time it was considered that this was the golden age, then comes the silvery season. I usually tell my students that play there are those who enjoy more silver than gold, although this is more valuable. When I think that there are authors like Seneca (8) and Tacitus (9) that are placed at the time silvery, lie just outside these ratings. Because it is indeed impossible to write better than Seneca and Tacitus. "At that time, in the first century d. C., there had been another "achievement" in Latin, says the teacher, with the "blurring of lines between prose and poetry," where resources are second to first.

The last great Latin authors disappear in the second century. "I do not like talking about the decline of Latin literature, because what happens is the evolution of the times. We reached a point in history where the authors coexist Christians and pagan authors, a time also very interesting, where there is an integration of both sides. The story is in charge of funneling to medieval literature," explains Cristina Pimentel.

Latin, the language of the empire before, is still spoken, but the Church is largely responsible for the circulation of texts, the preservation of the manuscripts, with the monks copyists. Also the destruction of some, writing over ancient texts to benefit from the support. Thanks to new technologies has yet been able to recover in palimpsests, some of the lost texts.

Influence on Western literature

It is not the Latins and the Greeks and Portuguese literature that Western will later look for themes, motifs and shapes. "Someone thinks you can learn Portuguese literature, understand, enjoy, enjoy, have aesthetic taste, without the tools of classical literature?" In the theater of the seventeenth century, which is the Seneca vai and not enough on Aeschylus, Sophocles or Euripides (10), even when the authors refer to a Greek, a thorough analysis reveals the Latin matrix, defends teacher. And how to read The Lusiads of Luís de Camões without thinking about Eneidade Virgil?

"Virgil acquires the centrality of classic single, he is at the center of European civilization, a situation that no other poet could usurp him or share with him. The Roman Empire and the Latin language were not an empire any one language or any but an empire and a language with unique destination in relation to ourselves, and poet whose conscience and expression, and that empire surfaced that language is a poet single destination. If Virgil is therefore the consciousness of Rome and supreme voice of his language, must have a meaning for us that can not be expressed entirely in terms of literary appreciation and criticism," wrote T. S. Eliot (11) on "What is a classic."

Translations

The best way to appreciate the beauty and complexity of a work like the Aeneid is read the original, as with any other modern language. But do not know Latin should not be a reason to put aside the classics. "Not being able to read the original, then there are good translations," says Cristina Pimentel, arguing that the translation projects of the classics should be encouraged and supported by the state. It may be that when confronted with the translations, readers demonstrate an interest in learning to read in the original Latin and thus learn more of its history. Critic's disappearance Portuguese Latin school programs, the teacher believes that way "amputase the new generation a part of their heritage." He ends by quoting St. Augustine: "Nobody loves what he does not know."

(1) Virgil (70-19 a. C.) is the author of what is considered one of the highest works of Latin literature, the 'Aeneid', an epic poem that tells the story of the Trojan Aeneas who was the founder of civilization Roman.

(2) the Andronic Livy (284-204 a. C.) was the author of several plays, besides 'Odusia' (a translation of the 'Odyssey'), which survived only a few verses.

(3) Homer lived in the eighth century. C. and wrote the 'Odyssey' and 'Iliad'

(4) Marcus Porcius Cato (234-149 a. C.) was senator and consul of Rome and later censor (responsible for census and supervising public morality). Wrote 'Origines', the story of seven Roman cities.

(5) The name given to the three conflicts that opposed Rome to Carthage, between 264 and 146 a. C., and which ended with the destruction of the Phoenician city-state.

(6) Quintus Horatius Flaccus (65-8 a. C.) was known for his 'Odes'

(7) Publius Ovidius Naso (to 43-18. C.) wrote, among others, 'Metamorphosis' and 'Art of Love'

(8) Lucius Anneus Seneca (4 a. C.-65) wrote a dozen tragedies that influenced the Renaissance dramatists

(9) Publius Cornelius Tacitus (55-120) was one of the greatest historians of antiquity, author of 'Annals', where the story is told of the Roman Empire from the death of Augustus to the death of Nero.

(10) Playwrights Greeks. Aeschylus (525-456 a. C.) is considered the father of tragedy, Sophocles (497-406 a. C., author of Oedipus Rex; Euripides (480-406 a. C.)

(11) The British poet and playwright, born in the U.S., won the Nobel Prize for Literature in 1948.

'Capti: Fabula Menippeo Hoffmanniana-American'

Stephen Berard

Authorhouse, 644 pgs.

ISBN-13: 978-1456759742